

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ N.123 OUTUBRO DE 2021 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



Índice

3 **REPORTAGEM**
Quando a ciência é pop
Murilo Basso

16 **ENTREVISTA**
Vilã de novela
Andréa del Fuego
por Hiago Rizzi

24 **POESIA**
Sinais e outros poemas
Luiza Mussnich

29 **QUADRINHOS**
O deus das avencas
Denny Chang

34 **ENTREVISTA**
Da rebeldia à sabedoria
Ademir Assunção
por Luiz Felipe Lprevost

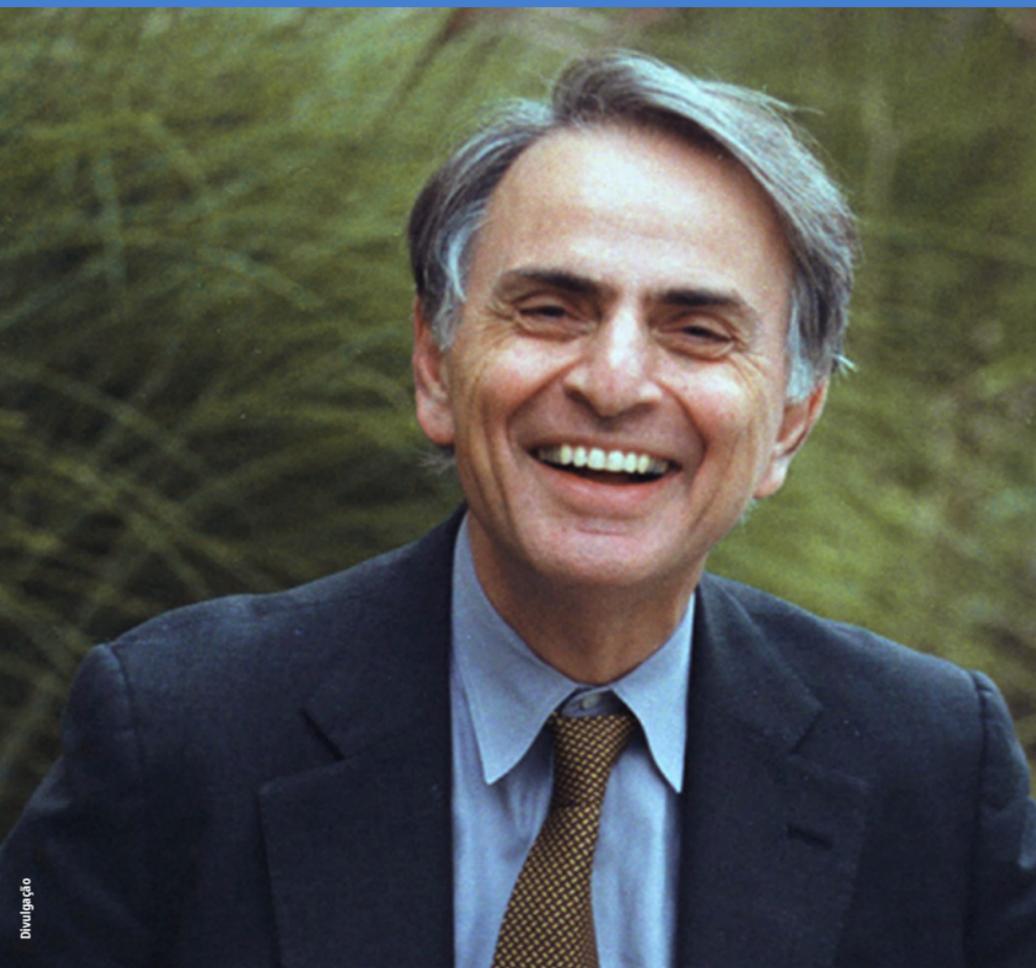
46 **POESIA**
Pressão do poema
Pedro Rocha

49 **CONTO**
Fliperama
Rafaela Tavares Kawasaki

Quando a ciência é pop

Murilo Basso

► **Carl Sagan**, considerado o primeiro grande divulgador científico, ainda é um dos maiores *best-sellers* do gênero.



Publicações que explicam conceitos científicos complexos de forma acessível aproximam os pesquisadores da sociedade, mas ainda não são valorizadas pela academia

Da inserção de microchips nos corpos de vacinados a caixões vazios enterrados em valas comuns, além da possibilidade de termômetros infravermelhos causarem câncer e a já clássica eficácia da hidroxicloroquina: é muito difícil que alguém tenha passado ileso pelas notícias falsas durante a pandemia de Covid-19, seja nas redes sociais, nos grupos de aplicativos de trocas de mensagem ou até nas conversas em família. Mas por mais que pareça paradoxal, em tempos marcados por negacionismo e anticiência, a literatura de divulgação científica está encontrando espaço para crescer no Brasil. É o que afirmam autores, especialistas e entusiastas da área ao **Cândido**.

“Fazendo uma brincadeira, o Batman e o Coringa, em certa medida, retroalimentam-se. Será que existiria um Coringa se não houvesse um Batman? Em uma época de pós-verdade, vemos uma contrarreforma, uma reação de defesa, por parte de quem se interessa por ciência ou é cientista, o que acaba estimulando esse tipo de publicação e os leitores que querem participar dessa ‘arena de combate’”, opina o jornalista Reinaldo José Lopes, especializado em Biologia e Arqueologia.

Podem ser considerados de divulgação científica quaisquer livros que tenham como objetivo explicar conceitos complexos ou a trajetória de uma área da ciência de maneira acessível para um público amplo, que não esteja restrita a pesquisadores. É, portanto e sobretudo, uma forma de os cientistas se comunicarem com a sociedade de modo diferente daquele como eles fazem entre pares. E segundo os especialistas, cabe de tudo: relatos de viagem, biografias,

história intelectual de um campo do conhecimento, enfim, muita coisa.

Para a coordenadora da PUCPRESS, editora acadêmica vinculada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Michele Oliveira, a pandemia do novo coronavírus exerceu um importante papel para despertar o interesse do público leigo por obras de não ficção.

“Com o isolamento social, retomamos o prazer pela leitura e a busca por fontes de informação mais seguras. Pessoas querem ficar mais informadas. Apesar de ser um trabalho de ‘formiguinha’, percebemos um aumento tanto na procura do público, para a aquisição de livros, quanto de autores querendo publicar”, diz.

Durante a crise sanitária, afinal de contas, os cientistas se tornaram porta-vozes de assuntos relevantes para o momento. Em jornais noturnos, de elevada audiência, pesquisadores se tornaram debatedores constantes, algo inédito até então. O Brasil passou a conhecer de forma muito mais abrangente do que antes tanto nomes ligados à Biologia, como Natalia Pasternak, quanto pesquisadores das Ciências Sociais, como Lilia Schwarcz, com seus comentários sobre os fenômenos políticos atuais.

Reconhecimento (mas nem tanto)

Ao mesmo tempo em que o reconhecimento do público acerca dos livros de caráter científico cresceu, o mesmo não pode ser dito da academia. Para a jornalista de ciência e PhD em Política Científica pela Universidade de Campinas (Unicamp) Sabine Righetti, falta valorização para esse tipo de publicação nos círculos acadêmicos.

“Os pesquisadores que escrevem livros de divulgação científica o fazem mais por talento e vontade pessoal, aumentando consideravelmente a sua carga de trabalho sem que esse esforço seja valorizado profissionalmente. Na hora de uma promoção na carreira, do ingresso no ensino superior por meio de concurso público, livros assim valem pouco.

> Para **Sabine Righetti**, falta incentivo à literatura de divulgação científica nas universidades brasileiras.



Artigos em revistas puramente científicas contam muito mais [pontos]”, explica.

Essa também é a opinião do jornalista Carlos Orsi, fundador do Instituto Questão de Ciência e autor de diversos livros do gênero, que acredita que apesar de haver muitos protestos e cartas de boas intenções para que a situação mude, o que se tem é uma lógica de piada sem graça: todo mundo está sempre reclamando de algo, mas ninguém faz nada para melhorar.

“Especificamente, no meio acadêmico brasileiro, a estrutura de incentivos ainda se baseia em atividades completamente descoladas de qualquer preocupação com divulgação científica. Isso faz com que o cientista que se dedica à atividade perca oportunidades e ainda corra o risco de ser malvisto pelos colegas, acabe sendo prejudicado na articulação política da ‘salinha do café’. Isso é menos um preconceito pessoal contra a divulgação de caráter mais ‘pop’ e mais um preconceito institucional contra a divulgação”, comenta.

E não é chato?

Entre o público em geral, não é incomum haver o preconceito de que a literatura de divulgação científica é, para dizer o mínimo, chata. À primeira vista, obviamente, uma história sobre um grupo de meninos presos em uma ilha, tentando se autogovernar, ou um romance que lança mão de elementos de fábula, com animais falantes, para satirizar ditaduras parecem mais divertidos do que uma análise sobre as principais ameaças às democracias atuais.

Ocorre que preconceitos estão aí para serem quebrados — tanto que, em outubro de 2018, em meio à intensa polarização provocada pelas eleições presidenciais no Brasil, *Como as Democracias Morrem*, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, tornou-se o livro mais vendido da Amazon no país. Entre os entrevistados, a opinião é unânime: tudo depende de como se diz.

“Um trunfo para o sucesso de um livro de divulgação científica é, sem dúvida, a linguagem, que deve ser a menos rebuscada possível, trazendo termos mais acessíveis. A capa, o design e as estratégias de divulgação também são importantes. Ao mesmo tempo, precisamos entender que há pesquisas, como as de ponta, que precisam ser publicadas com linguagem mais técnica. Eventualmente, esse mesmo trabalho pode ser reorganizado para atingir um público maior. Há um leitor para cada momento da pesquisa”, pontua Michele Oliveira, da PUCPRESS.

Para Sabine Righetti, isso ocorre, justamente, pela falta de incentivo e profissionalização relacionada à literatura de divulgação científica na academia. Assim, muitos cientistas encontram dificuldades para conversar com um público que não seja puramente acadêmico e, quando se arriscam, o fazem de forma “dura” demais.

“Mas hoje temos bons nomes que podem até mesmo inspirar novos autores de divulgação científica, como a Natalia Pasternak, que tem livros brilhantes, muito bem escritos, e que não têm aquele caráter pedagógico de quem está dando uma aula. Outro autor é o Marcelo Knobel, que escreve como se estivesse conversando com o leitor, traz muitas evidências e é divertido sem ser bobo”, completa a jornalista.

Utilizar elementos “emprestados” da narrativa de ficção, dando ao texto ares de *thriller*, por exemplo, também é um bom caminho para os autores de divulgação científica.

Alerta vermelho

Outra possibilidade para desmitificar a errônea ideia inicial de que a ciência é chata são os canais no YouTube, como o do paleontólogo Paulo Miranda Nascimento, o Pirulla, que trata de temas que vão de meio ambiente a religião, e o capitaneado por Ana Bonassa e Laura Marise, *Nunca Vi 1 Cientista*. Alguns cuidados, entretanto, devem ser tomados pelos telespectadores.

- **Carlos Orsi:** “Apontaria como especialmente suspeitas obras e conteúdos que prometem ‘receitas científicas’ de sucesso no amor, na vida profissional, etc.”.



“Infelizmente, existe uma tendência maior de essas ferramentas ‘pregarem para convertidos’, tornando-se uma espécie de fórum para pessoas que já se interessam pelo tema se encontrarem ali, do que trazendo gente nova, o que não é o caso dos canais citados. Dito isso, tem muita gente boa que chegou na divulgação científica pelas redes sociais e depois, inclusive, escreveu livros”, salienta Reinaldo José Lopes.

Carlos Orsi acrescenta que outra “armadilha” das redes sociais é que, nelas, às vezes é difícil saber em quem confiar, pois um vídeo com altíssima qualidade de produção pode, muito bem, contemplar apenas absurdos, enquanto uma publicação feita com um celular, da garagem de casa, pode ser perfeitamente correta. Como, então, diferenciar a “boa” da “má” divulgação científica?

De acordo com Orsi, não há uma regra que cubra todo o campo, um critério que dê conta de excluir, de uma só vez, todo o conteúdo ruim, sem que injustiças sejam cometidas. É possível, contudo, seguir alguns sinais.

“Apontaria como especialmente suspeitas obras e conteúdos que prometem ‘receitas científicas’ de sucesso no amor, na vida profissional, etc., ou que prometem explicações simples e intuitivas para assuntos complexos, principalmente em questões de saúde. Há também as que apelam logo de cara para os preconceitos do público, dando a entender que a ciência ‘finalmente confirma’, algo que o público gostaria que fosse verdade”, comenta.

Também há um ponto de atenção que Orsi chama de “escorregador conceitual”: quando palavras ou expressões vão mudando de sentido ao longo do texto. Ele cita como exemplo clássico a expressão “tudo é energia”, que pode aparecer na primeira vez em referência à fórmula de Albert Einstein da equivalência entre matéria e energia — no sentido técnico, da quantidade física — e acabar sugerindo que estados emocionais controlam a realidade. No caso, a palavra “energia” deixa de expressar aquilo que os físicos medem em seus instrumentos e assumindo o sentido figurado de “emoção”, de “sentimento”. Nas palavras de Orsi, esse jogo entre o sentido técnico e o figurado é um alerta vermelho de “picaretagem”.

► **Reinaldo José Lopes:** “Vemos uma contrarreforma, uma reação de defesa, por parte de quem se interessa por ciência ou é cientista”.



É importante também procurar informações sobre o autor do material, como formação, que trabalhos e pesquisas já realizou e, por fim, se possui alguma filiação institucional.

O céu e seus mistérios

“Há muita coisa mais no céu e na terra, Horácio, do que sonha a nossa pobre filosofia”, já dizia, ao seu melhor amigo, o príncipe da Dinamarca. Apesar de todo o colapso de seu estado mental, sobre esse ponto, Hamlet não estava louco: o céu é mesmo cheio de mistérios e os astros sempre despertaram um interesse muito grande por parte dos reles mortais.

Não à toa, os livros de astronomia são apontados pelos entrevistados como aqueles de maior procura por quem deseja se aventurar pela literatura de não ficção e Carl Sagan, que conseguiu abordar temas extremamente difíceis do cosmos — literalmente — para não-cientistas, é considerado o primeiro grande divulgador científico do planeta. Mesmo morto há 25 anos, Sagan ainda arrebatava leitores e admiradores de todo o globo, de todas as idades.

“E ele deixou ‘discípulos’, como o Neil deGrasse Tyson, apresentador do novo *Cosmos* [*Cosmos: Uma Odisseia do Espaço-Tempo* e *Cosmos: Mundos Possíveis*]. Esse interesse na astronomia gerado pelo Sagan fez com que a astronomia virasse um grande assunto de divulgação. As pessoas consomem muita literatura do gênero. O blog [*Mensageiro Sideral*] do [jornalista] Salvador Nogueira é um dos mais lidos da *Folha de S. Paulo*. Esse é um assunto que desperta muita curiosidade, no Brasil e no mundo”, afirma Sabine. <

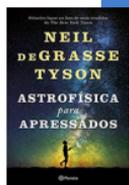
Para iniciar na literatura de divulgação científica

Selecionamos 10 livros para os leitores de ficção se aventurarem pelo caminho contrário



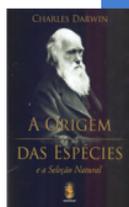
Cosmos (Carl Sagan)

Uma viagem por 14 bilhões de anos de evolução cósmica, este é o mais conhecido e essencial livro do “pai” da divulgação científica, que explora tópicos que vão da origem da vida às pessoas que ajudaram a moldar a ciência moderna.



Astrofísica para Apressados (Neil deGrasse Tyson)

Discípulo de Sagan, o astrofísico procura responder, de forma clara e acessível, questões como “qual é o meu lugar no espaço?”. Um guia para aqueles que desejam saber mais sobre os mistérios do céu.



A Origem das Espécies (Charles Darwin)

Clássico dos clássicos, atemporal, obrigatório. O livro que apresentou ao mundo a teoria da evolução e mudou para sempre a ciência como o planeta a conhecia.



A Bailarina da Morte: A Gripe Espanhola no Brasil

(Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling)

Um retrato da gripe espanhola no Brasil, que no início do século XX assolou o país, potencializada por disputas políticas, posturas negacionistas, estatísticas maquiadas e falsas curas milagrosas.



Como Funciona o Fascismo: A Política do “Nós” e “Eles” (Jason Stanley)

Quando o fascismo parecia ter ficado no passado, restrito aos livros de História, o termo foi recuperado para se referir a governos contemporâneos. Na obra, Stanley aborda os 10 principais fundamentos desse tipo de regime e seus perigos.



Sapiens: Uma Breve História da Humanidade (Yuval Harari)

Uma narrativa histórica sobre o percurso do ser humano sobre a Terra, da Idade da Pedra aos gênios do Vale do Silício, de símios a governantes do mundo.



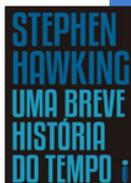
Contra a Realidade: A Negação da Ciência, suas Causas e Consequências (Natalia Pasternak e Carlos Orsi)

Ciência não é questão de opinião. Natalia Pasternak e Carlos Orsi analisam as principais teorias negacionistas e mostram como todas podem ser refutadas facilmente com argumentos científicos sólidos.



1499: O Brasil Antes de Cabral (Reinaldo José Lopes)

O Brasil não começou em 1500. A saga pré-histórica do país inclui cidades em plena Amazônia, redes de comércio, grandes monumentos e tradições artísticas espetaculares que não podem ser esquecidas.



Uma Breve História do Tempo (Stephen Hawking)

Qual é a origem do universo? Ele é infinito? Houve um começo e haverá um fim? Há outras dimensões? Com um texto bem-humorado, uma das mentes mais geniais que já passaram pelo planeta desvenda, junto com o leitor, diversos mistérios da física.



Como as Democracias Morrem (Steven Levitsky e Daniel Ziblatt)

Como é possível uma democracia tradicional colapsar? Um apanhado histórico do rompimento de democracias no último século e uma análise de como a escalada do autoritarismo funciona atualmente.

Vilã de novela

Andréa del Fuego

por Hiago Rizzi



Andréa del Fuego fala sobre seu novo romance — *A Pediatra* — e o lugar da obra em sua carreira marcada por exercícios de escrita e o uso da linguagem

Depois de anos trabalhando em torno de um romance, Andréa del Fuego engavetou o projeto e se rendeu a uma nova aventura. Levou mais algum tempo para encontrar o tom da narrativa e surgiu *A Pediatra*, escrito de “talagada” pela autora no fim de 2019 e lançado pela Companhia das Letras em outubro. Distante da prosa poética de *Os Malaquias* (2011), que levou o Prêmio Literário José Saramago, *A Pediatra* é mais um dos exercícios de escrita de del Fuego — que, segundo ela própria, poderia ter um pseudônimo diferente a cada um de seus nove livros.

A escrita frenética sugere uma leitura com o mesmo ritmo, com ares de livro de aeroporto. As peripécias da pediatria avessa a crianças, no entanto, impõem solavancos ao texto como pedras na água corrente. “A ideia é que seja insuportável no tema, mas que a linguagem seja sedutora”, entrega a escritora mineira. As especificidades do novo livro, o trabalho em torno da linguagem e as ligações entre Raduan Nassar (tema de sua dissertação de mestrado) e a filosofia são assuntos desta entrevista ao **Cândido**.

Você encontrou o tom para a história e em seguida a escrita de *A Pediatra* levou um mês. Como foi a pesquisa para o livro?

O trabalho vai além do mês de escrita. É um pouco como um ginasta que imagina um percurso, mentalizando o movimento antes de dar um salto. No meu processo eu fico imaginando o percurso da escrita, a trama da voz literária.

A pesquisa aconteceu antes, o universo da medicina sempre foi bastante curioso e interessante, só não sabia que sairia um livro dessa experiência. Agora me aproximei muito de um grupo da USP, chamado Genam, que pesquisa narrativas médicas. Eu gosto muito de grupos do Facebook, então eu já participava de um grupo sobre parto natural, por exemplo, porque era o que eu estava pesquisando. Depois participei de um grupo sobre pericardite, que é a especialização do pai da Cecília [a protagonista]. Também procurei nas redes perfis de médicos. Me interessava saber qual a fala de um médico fora do consultório, porque o livro se passa na mente da Cecília — ela diz muito pouco do que pensa. As redes foram a embocadura para não deixar a voz da personagem seca, como eu conheço a do médico no consultório, como paciente.

A sua experiência com a maternidade também está no livro?

Eu fui uma “mãe-prana” [adepta ao parto humanizado], tive minha doula, estive do outro lado de onde a Cecília está. Eu acho tudo muito duro, mas eu escrevi a história de um ponto de vista que não é o meu da vida. *A Pediatra* tem muito da minha experiência materna, parto e maternidade. Falei com dois médicos enquanto eu pensava o trabalho, antes da escrita. Ao pediatra do meu filho eu fiz uma única pergunta, sobre o conforto médico, porque acho esse ambiente hospitalar interessante e que combina com a ficção — é a área médica, mas lá não estão na função. Em 2019 eu fiz uma residência literária em Portugal, dando aulas e palestras em aldeias, e em uma delas tinha uma senhora que havia sido pediatra. Perguntei para ela se uma pediatra poderia ser a pediatra do próprio filho doente, ao que ela respondeu: “De jeito nenhum, a gente esquece tudo o que estudou”. Isso foi fundamental para escrever uma cena do final do livro.

***A Pediatra* tem um quê de roteiro, uma linguagem audiovisual.**

Eu tenho minhas referências como leitora, estudante de filosofia, etc., mas o que me formou de verdade na infância e começo da adolescência foi telenovela. Eu fui criada na frente da televisão, com vilãs de telenovela. Lembrei muito de *Carminha*, de *Avenida Brasil*, tem essa pegada. Ao mesmo tempo, foi uma escrita mais invigilante — sem muito polícia e ladrão, eu deixei só o ladrão sem a polícia vigiando. Acho que isso tem muito da Janete Clair. A criança vendo televisão, a mulher má, misturada com as vivências, as leituras e a hipocondria adulta — tudo isso deu no *A Pediatra*.

A relação de Cecília com Deise, empregada da pediatra, traz à tona também a questão das domésticas, em voga há anos.

Para mim é onde a Cecília é pior. Ela é péssima no casamento, com os pais, com as crianças, mas com a Deise existe uma perversidade. Como o leitor só conhece a partir da cabeça dela, ele pode achar que a Deise toma alguma liberdade, mas ela não toma liberdade nenhuma — essa mulher é assediada o tempo todo. Cecília tem o poder, o controle, os botões. Ela não deixa claro a relação que elas têm, criando uma amizade de cozinha que não existe.

***Os Malaquias* levou sete anos para ficar pronto. Todo esse tempo foi dedicado à escrita?**

Ele teve um tempo de abandono, nesses sete anos. Como era meu primeiro romance eu tive dúvidas sobre a capacidade dele. Durante a escrita ele teve muitos problemas; capítulos que diminuiriam, mudanças estruturais no texto. Anos depois de começar a escrever descobri que a poética estava garantida na própria história, dentro da história. Havia alguns capítulos, em termos poéticos, que diluíam a tensão que dá a sensação de todo do livro. Fazer um livro curto também é

sobre o desejo de controle, é onde consigo ter a ideia unitária de livro. Eu não consigo fazer isso num livro grande.

Antes de *Os Malaquias*, e das *Companhia das Letras*, você revelou em entrevista ao Antônio Abujamra sua vontade de ser publicada por uma grande editora. O que mudou?

Eu era muita ingênua em relação à publicação, recepção e processo literário. Mas o desejo de publicar por uma grande editora é legítimo, pela ideia de um livro que seja acessível e tenha alcance. Hoje, em 2021, há meios como a autopublicação, o financiamento coletivo, redes sociais (que são o novo balcão da livraria), pequenas e médias editoras — têm editoras incríveis com muita paixão e rigor editorial — que alcançam o leitor, a crítica e os resenhistas. A torre de marfim do autor caiu, mas também do leitor, que não precisa mais da chancela do grande crítico — ainda é uma chancela, mas agora os leitores fazem os livros circularem. Na pandemia, então, todo esse campo literário me parece mais acessível, nunca foi tão profícuo. As possibilidades de publicação são muito melhores do que as que eu enfrentei no começo dos anos 2000.

Como foi seu contato com Raduan Nassar, tema da sua dissertação de mestrado?

A primeira vez que li *Lavoura Arcaica* foi um acontecimento literário, físico e biológico. Eu pensei: “Isso aqui foi feito para mim”, aquela narrativa que é feita para comer. Depois, quando eu entrei para a filosofia e decidi fazer um mestrado, um dos autores que eu tive a mesma relação foi o Maurice Merleau-Ponty, que também é um lírico — não tenho outra palavra —, mas cria o lirismo com corpo e linguagem. Como o Raduan Nassar. Para mim foi uma coisa meio óbvia tentar aproximar os dois, *Lavoura Arcaica* e a prosa do Merleau-Ponty (*A Prosa do Mundo*, *Fenomenologia da Percepção* e *Sens et Non-sens*, especialmente). *Lavoura Arcaica* começa com um corpo se masturbando e termina com um corpo ceifado, há uma certa

sinfonia sensorial a partir da descrição física, e Merleau-Ponty fala de um corpo que reflexiona antes do raciocínio.

O seu interesse está antes na linguagem do que na história?

Elas estão muito coladas, até na filosofia acho que é assim. Por exemplo, o que o Merleau-Ponty tem pra dizer, que é uma espécie de aporia, ao falar do enigma do corpo e do enigma da linguagem, tem uma linguagem poética. Aquela coisa da linguagem da linguagem, uma coisa a serviço da outra. Em *Lavoura Arcaica* a linguagem está presa aos acontecimentos, aquilo é um todo indivisível. Como leitora eu levo essas coisas em consideração. Eu gosto de ter uma primeira leitura muito solta, e o grande prazer é a releitura. Na escrita, meu trabalho é encontrar uma linguagem. Meus livros são muito diferentes uns dos outros, eu poderia ter um pseudônimo para cada livro. Poderia me chamar Verenice assinando *Os Malaquias*, Jorge assinando *As Miniaturas*, Cibele assinando *A Pediatra*. Eu não enxergo uma ligação entre os livros, mas também não sei se é verdade que os invento do zero, se é uma escolha. Não sei se conseguiria fazer uma repetição, *A Pediatra* na linguagem de *Os Malaquias*, por exemplo, uma prosa poética. *A Pediatra* chegou numa excursão que é própria dela, essa mulher só poderia ser nas suas próprias frases. Eu penso nisso o tempo todo também, o que está acontecendo nesse canteiro de obras. É a preocupação do meu trabalho, a linguagem.

Essa excursão foi tão rápida que você deixou outro livro na gaveta, com um personagem chamado Javier. Como ele está?

Vou voltar para ele, não deixo ninguém para trás. A mesma coisa aconteceu com o meu primeiro livro, ficou meses lá, quietinho. Enquanto eu não terminava *Os Malaquias* (2010), escrevi um infantojuvenil delicioso, *Sociedade da Caveira de Cristal* (2013). Nunca paro de escrever, o processo emperra e eu começo outro em paralelo. Isso independe de publicar ou não — a vida de escrita é completamente afastada da vida

literária, são universos muito distintos. E agora vou voltar para ele, o pai dele morava no Chile e agora mora em Mongaguá (litoral de São Paulo). São coisas que estou levando do *A Pediatra*, uma escrita mais solta. Já tem umas quatro ou cinco versões prontas, o nome provisório era *O Homem de Madeira*, mas a razão pela qual se chamaria assim eu já descartei. <



Sinais e outros poemas

Luiza Mussnich

sinais

o nervosismo mastiga as unhas
o frio eriça os pelos do braço
a vergonha tem bochechas vermelhas
o tesão faz despencarem cataratas, ergue monumentos
a fome devora o bom humor
a tristeza mingua
o prazer aperta os olhos
a sedução mordisca os lábios
a felicidade inventa dentes pelo rosto
a ansiedade umedece mãos
o sono escancara a boca
a raiva dói nos nós dos dedos

apocalipse

se o mundo acabar amanhã
sobram baratas
assentos do meio
jujubas laranjas
poemas
pizzas de aliche
tamanhos pp
carros brancos
milhares de galáxias intactas
o amo

rosto

se você fechar os olhos agora
talvez não se lembre da mulher
"bonita"
com quem cruzou na esquina
suas feições desapareceriam
no sono perdido da madrugada
por mais pesados que fossem os cabelos
por mais ritmado o balanço do corpo desafiando
a gravidade nos passos firmes

se você fechar os olhos agora
é mais provável que consiga lembrar
do motivo da risada, do arrepio, do toque, do entusiasmo
[das palavras, da conexão cerebral
esses atravessamentos
provocados por outra pessoa
a sensação é invisível e talvez por isso se fixe
para além
a imagem escapa como o cão amedrontado
a ideia não anotada
sobreposta por outra
o batom que extrapola os contornos da boca
quando se deveria prestar mais atenção
às palavras que profere

você não gostaria de colecionar álbuns
de sensações?
um arquivo de como determinadas pessoas te fizeram sentir
e voltar a elas de tempos em tempos
por mais que não possa
lembrar das listras na íris, da amplitude dos braços quando
[dançam, do abaulado na base do
pescoço por mais
que a memória não tenha rosto

pluma

escrevo esse poema no centésimo sexto dia sem te ver
começo a esquecer sua voz
a memória precisaria de fotografias
para recriar sua imagem
você já prestou atenção
que lembrar é de certa forma aproximar
do esquecimento?
lembrar é tornar algo cada vez mais
distante do real

depois de vividas
as lembranças vão para o lóbulo pré-frontal
depois para o hipocampo
uma área mais profunda do cérebro
mais longe de todos aqueles agoras

volto aos acontecimentos
como regatasse um náufrago
como se eu pudesse te salvar
estico os braços
quase te encosto apesar da distância
o desejo nos faria levitar
se essas coisas existissem

você me acorda de madrugada
não porque dorme ao lado
não sei sequer se dorme
se pensa em mim ao menos
ao mesmo tempo em que penso em você
isso poderia ser o diálogo de um filme
assim poderíamos desinventar esse pensamento
que não ocupa espaço algum
esse pensamento pluma
com força para erguer um monumento
um móbile do Calder orbitando sobre nossas cabeças



Luiza Mussnich é escritora e jornalista. Nasceu em 1991, no Rio de Janeiro. É autora dos livros *Microscópio* (2017), *Lágrimas Não Caem no Espaço* (2018) e o recém-lançado *Tudo Coisa da Nossa Cabeça*, todos editados pela 7Letras.

O deus das avencas

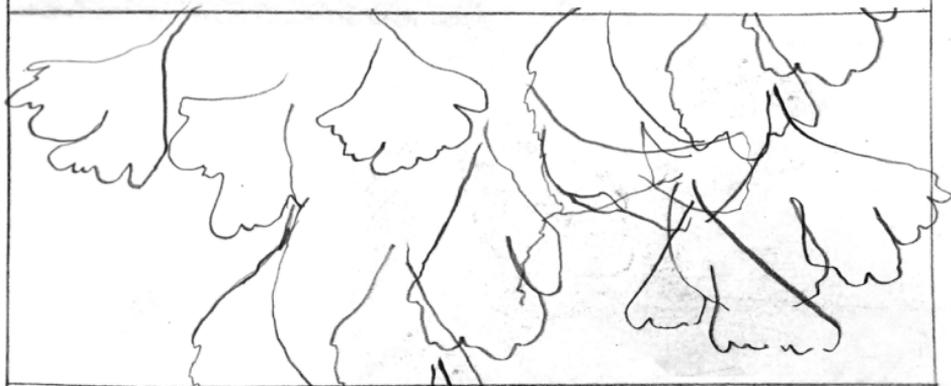
Denny Chang

inspirado na obra de Daniel Galera

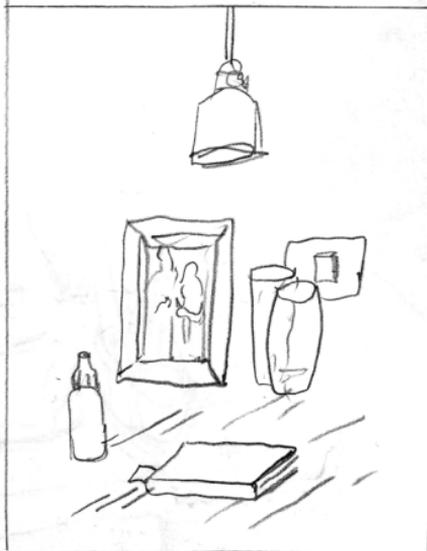
ESTÃO ESPERANDO QUE ELA COMECE A SANGRAR, A SENTIR DOR.



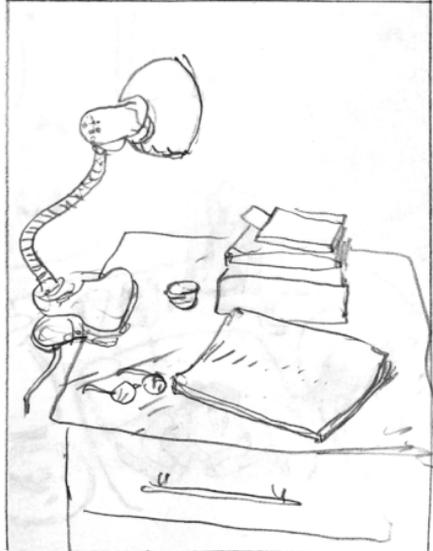
MANUELA ESTÁ COM ÓDIO DE TANTA DEMORA. JÁ FAZ DUAS SEMANAS QUE NÃO AGUENTA MAIS CARREGAR A BARRIGA POR AÍ, NAS ESCADAS DO PRÉDIO SEM ELEVADOR, PELAS CALÇADAS REPLETAS DE LAJOTAS SOLTAS QUE AINDA ESPIRRAM NAS SUAS CANELAS INCHADAS A ÁGUA SUJA DAS ÚLTIMAS CHUVAS DE OUTUBRO.



QUER DORMIR DE BRUÇOS E SEM O AMPARO DE TRAVESSEIROS.



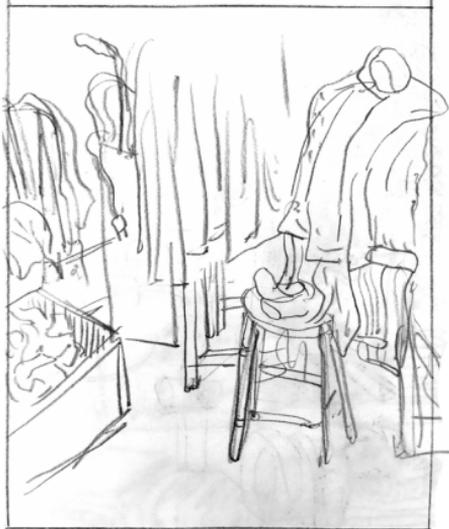
LEVANTAR DO VASO SEM PRECISAR SE APOIAR NA PIA.



PARAR DE LEVAR CHUTES NAS COSTELAS PELO LADO DE DENTRO.



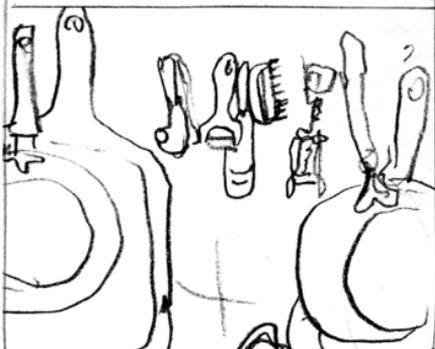
QUER VOLTAR A TRANSAR SEM SER DERROTADA TODA VEZ POR ESSA MASSA QUE SE AGIGANTOU EM SEU CORPO.



E LUCAS, QUE TEM DE SI MESMO A IMAGEM
DE UMA PESSOA QUE PASSOU A VIDA TODA
SUBJUGANDO O CANSAÇO



SEM SE DEIXAR VENCER,



CONFIANTE NO MODO-PERPÉTUO DE VIGOR
QUE ABRIGA NAS ENTRANHAS E O MANTÉM
SEMPRE NO COMBATE



POR MAIS QUE ESTEJA APANHANDO,



SE SENTE ACUADO NOS ÚLTIMOS TEMPOS POR UMA SENSÇÃO DE PERIGO QUE NÃO
COMPREENDE BEM.



TEM MEDO DE NÃO TER DINHEIRO PARA O BÁSICO.



DE QUE MANUELA SOFRA EM DEMASIA,



DE TER UM DERRAME OU UM INFARTO,



DE QUE O PAÍS ENTRE EM GUERRA CIVIL NA MADRUGADA DE SEGUNDA.



CHANQ21

Denny Chang é quadrinista e ilustrador. Lançou *Trópico Fantasma* (Annablume, 2012), *Buenas Noches* (independente, 2013), *Maia* (Cachalote, 2015), *O Futuro* (independente, 2016) e *Trevas* (Museu da Imagem e do Som, 2019). A HQ publicada pelo **Cândido** é uma adaptação de um trecho do livro *O Deus das Avencas* (Cia das Letras, 2021), do escritor gaúcho Daniel Galera.

Da rebeldia à sabedoria

Ademir Assumpção

por Luiz Felipe Leprevost



Ademir Assunção comemora 60 anos de idade com três lançamentos simultâneos

Mantendo acesa a chama da poesia desde os 16 anos — quando foi arrebatado por um poema de Robert Frost —, o escritor e jornalista paulista Ademir Assunção chega aos 60 mais ativo do que nunca, com três novos livros em circulação. Em *Nome Escrito ao Vento* (Grafatório Edições), com tiragem limitada de 360 exemplares, Assunção ironiza em versos o conceito de autobiografia. Já *Risca Faca* (selo Demônio Negro) é marcado por reflexões sobre a existência, as desigualdades sociais e o próprio fazer poético. Completa a trinca *Deus Salve a Rainha e Evite Engarrafamentos* (Editora UnB), reunião de sua produção na imprensa cultural.

Em entrevista concedida por e-mail ao **Cândido**, o autor de 17 livros e vencedor do Jabuti por *A Voz do Ventríloquo* (2012) discute a “invisibilidade” da poesia, comenta seu trabalho como letrista, relembra os anos em que morou na cidade de Londrina (PR) e reflete sobre o equilíbrio entre as facetas punk e zen de sua personalidade. Leia a seguir.

Você está lançando três livros no mesmo ano, com uma diferença de um mês ou um pouco mais entre eles. Como isso é possível? Você é uma máquina de produzir literatura?

Assim como um monge zen pratica diariamente a arte de manter-se concentradamente distraído e distraidamente concentrado, há pelo menos quatro décadas eu pratico diariamente a arte da linguagem verbal. Todos os dias da minha

vida estou envolvido com a leitura e com a escrita, seja anotando frases, percepções e ideias, seja iniciando ou finalizando um poema, seja entrevistando outros poetas, seja estudando como aqueles que vieram antes de mim fizeram seus poemas. Este é o centro da minha vida. Então, é natural que com o tempo vá se acumulando um certo volume de criações que considero importantes se tornarem públicas. *Deus Salve a Rainha* e *Evite Engarrafamentos* reúne reportagens, resenhas, artigos que escrevi ao longo de mais de 20 anos. Estava pronto desde 2008. Ficou na gaveta por 13 anos. Os primeiros poemas de *Risca Faca* foram escritos há uns sete anos. *Um Nome Escrito no Vento* foi escrito de uma tacada só, há uns quatro anos. Acabaram saindo num curto espaço de tempo e justamente quando completei 60 anos de idade. Creio que é uma boa comemoração. Mas não sou um *workaholic*. Tenho outras coisas para fazer da vida, como brincar com meus gatos, passear de bicicleta, namorar e dedicar uma parte do tempo a ganhar o necessário sustento que, aliás, não está nada fácil.

Para pegar a história do início, como a poesia entrou na sua vida? Como, quando e por que você começou a fazer poesia?

Foi exatamente assim: a poesia entrou na minha vida. Não escolhi, fui escolhido. Até os 16 anos não tinha ligação alguma com a poesia. A fálscia veio por acaso, quando um amigo me mostrou um famoso poema de Robert Frost, *The Road Not Taken, A Estrada que Não Trilhei*, não lembro de quem era a tradução. Esse poema me pegou de jeito. Logo em seguida descobri Torquato Neto, Paulo Leminski e Ezra Pound. Aí, a poesia se instalou na minha vida para sempre. Foi um arrebato que me mostrou claramente que a vida poderia ser algo mais do que nascer, crescer, arrumar um emprego, casar, ter filhos e morrer. Tomei gosto por percorrer a estrada não trilhada pela maioria. Não sei explicar de outro modo: provavelmente alguns nascem com um erro de programação. Deve ter sido o meu caso.

Você é nascido em Araraquara (SP), mas grande parte da sua formação e atuação está marcada pela experiência dos anos em que viveu em Londrina (PR). Quando e por que foi para lá?

Até os 16 anos não sabia muito bem o que queria da vida. Estava sendo encaminhado para me tornar engenheiro elétrico. Gostava da ideia de projetar usinas, produzir energia elétrica. Quando a poesia se mostrou em minha vida, passei a considerar a ideia de produzir outro tipo de energia: a energia criativa. Mudei tudo, de uma hora para a outra, e decidi cursar Jornalismo, para permanecer mais perto das palavras. Soube que havia curso de Jornalismo em Londrina e, ao mesmo tempo, descobri uma antologia chamada *Tempos*, na qual havia dois poetas, vivos, da cidade: Nilson Monteiro e Domingos Pellegrini Jr. Decidi no ato: é para lá que eu vou. Foi uma das decisões mais acertadas. Vivi alguns dos melhores anos da minha vida em Londrina, que parecia a “nossa San Francisco” dos anos 1980: uma cidade pulsante, com amplo espaço para a loucura e a criatividade.

O que há em Londrina que deu ao Brasil nomes tão fundamentais da música (Neuza Pinheiro, Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé), da literatura (Domingos Pellegrini, Maurício Arruda Mendonça, Rodrigo Garcia Lopes, Marcos Losnak) e do teatro (Mario Bortolotto), com toda essa rapaziada fazendo um trânsito múltiplo e pulsante entre as linguagens?

Eu acrescentaria nesta lista Paulo de Moraes, Patrícia Selonk, Haruo Ohara, Paulo Barnabé, Bernardo Pellegrini, Simone Mazzer e Janete El Haouli, artistas essenciais no teatro, fotografia e música — correndo o risco de esquecer outras figuras fundamentais. Creio que há três fatores marcantes na Londrina dos anos 1970 e 1980: era uma cidade nova, havia uma mescla considerável de povos diferentes e rolava muito dinheiro por conta do café. Por ser uma cidade nova, não havia nenhuma tradição a quem prestar contas — portanto, o espaço para a inovação estava escancarado. Por ter se tornado uma confluência de ingleses, japoneses,

italianos, africanos, além dos migrantes internos, paulistas, gaúchos, mato-grossenses, havia um clima cosmopolita e multicultural. E por ter muito dinheiro circulando, havia uma infraestrutura razoável, que propiciava ter um bom jornal, como a *Folha de Londrina*, bons teatros, como o Cine Teatro Ouro Verde, com uma ótima programação cinematográfica, festivais internacionais de música e de teatro e uma agitação político-estudantil muito forte. Some-se a esses três a presença fundamental da universidade, que era muito forte. Não era incomum vermos o maestro Hans-Joachim Koellreutter dando um curso de música de concerto contemporânea, o escritor João Antônio trabalhando no jornal *Panorama*, ou o Antunes Filho apresentando *Macunaíma* na cidade. Talvez isso explique uma parte das condições criadas para surgirem tantos talentos inovadores. A outra parte, talvez, seja meio inexplicável. Quem sabe alguém tenha lançado doses generosas de LSD nos reservatórios de água da cidade.

Ao lado de Rodrigo Garcia Lopes e Marcos Losnak, você foi um dos editores da revista *Coyote*, que está fora de circulação há bastante tempo. Existem planos para novas edições ou é um projeto que já cumpriu a sua missão?

A *Coyote* foi publicada durante 12 anos ininterruptos e parou em 2014. Mas a circulação de revistas desta natureza obedece outra lógica. Assim como a *Klaxon* e a *Revista de Antropofagia*, dos modernistas, são referências até hoje, a *Coyote* continua repercutindo. Volta e meia algum editor diz que se inspirou nela para publicar sua própria revista, seja impressa ou virtual. Com frequência também, poetas e escritores que se destacaram nos anos seguintes me dizem que publicaram suas criações pela primeira vez na *Coyote*. Talvez ela já tenha cumprido a sua missão, talvez a gente volte a publicá-la, quando surgirem as condições necessárias, talvez a gente resolva fazer outra publicação. Quem sabe a gente consiga fazer uma edição fac-similar com todos os 26 números? Mas, para isso, precisaríamos do apoio de alguma instituição como o Itaú Cultural, o Instituto Moreira Sales ou a Biblioteca Pública do Paraná.

Recentemente, entrevistei o Joca Terron para o Cândido. E ele, criticando a invisibilidade da poesia, que, na maioria dos casos, circula apenas entre nós poetas, saiu com a seguinte sentença: “É uma atividade meio inútil, tão útil quanto escrever ficção imaginativa numa época em que todos estão adoecidos pela realidade das miragens. Publicar poesia, afinal, dá quase no mesmo que não publicar”. Qual a sua visão sobre essas questões?

Bem, não penso que a poesia seja algo inútil, penso que ela é um inutensílio, como disseram Paulo Leminski e Manoel de Barros. É diferente: ela não tem uma utilidade como um carro, um celular ou um liquidificador. Porém, somos seres de linguagem e sem a poesia — e também parte da prosa mais inventiva — a língua endurece, perde a elasticidade comunicativa, se torna uma fala de fantasma — como dizem os Yanomami. Por mais que a poesia pareça invisível, seria possível imaginar a língua italiana sem Dante Alighieri ou a língua portuguesa do Brasil sem Carlos Drummond de Andrade? Se formos pensar mais contemporaneamente, o surgimento de um Mano Brown, por exemplo, faz com que a língua incorpore vocábulos, expressões e percepções que estavam escondidas, muitas vezes, massacradas. Isso não é pouco. O problema é que as grandes editoras, que fazem as criações circularem com maior rapidez, são caolhas para a poesia e, especialmente, para as criações mais inventivas. E os meios de comunicação, que poderiam fazê-la repercutir mais, se tornaram medíocres neste aspecto, dando mais atenção ao novo penteado de celebridades do que àquilo que os poetas têm a dizer. É por isso, em parte, que o nível da discussão pública caiu tanto e o Brasil se enveredou para esse buraco em que nos metemos.

O capítulo “Zona de Confronto”, de *Risca Faca*, apresenta poemas de muito impacto, como no caso de “Economia de Mercado”, em que depois de listar uma série de bens de consumo você diz: “tudo vale alguma coisa / qual o preço de um poema?”. Qual é o preço de um poema?

O mesmo que o preço de um gol de placa que levanta uma torcida inteira, de um beijo que nos eletriza o corpo todo, de uma gargalhada diante de um diálogo bem tramado em um filme ou uma peça teatral. O poema “Economia de Mercado” é uma crítica a essa sociedade em que tudo tem que ter um preço, em que tudo tem que gerar lucro para poucos e miséria, inclusive mental, para a maioria. Ao mesmo tempo, é um alerta para que as pessoas percebam que pagam algum preço por um grama de cocaína, um tubo de creme vaginal ou uma pizza de calabresa, mas jamais compram um livro, seja de poesia ou de prosa. São as contradições de uma sociedade que está obcecada cegamente por bens materiais e negligencia os bens que nos tornam mais inteligentes, quiçá, mais sábios.

Em qual momento a poesia deixa de estar nessa exigente “zona de confronto”?

Quando ela é feita com negligência, quando ela é frouxa, quando ela se torna mero exibicionismo. Nesses casos, nem pode ser chamada de poesia. Viver é perigoso — escreveu Guimarães Rosa. Viver é confronto, conosco mesmos, para nos conhecermos melhor, e com tudo aquilo que está errado à nossa volta, eu diria. Tenho repetido insistentemente: nascer ignorante, sem saber nada, exceto mamar, defecar e dar aqueles sorrisos encantadores dos bebês, é uma contingência da vida. Agora, morrer ignorante, desperdiçando a chance de viver a grande aventura neste planeta, isso é uma tragédia.

No poema “*Caso o Acaso*”, de *Risca Faca*, aparece um verso que inverte e atualiza uma noção essencial do lugar da poesia e dos poetas no mundo. Quantas vezes ouvimos e compramos a trágica sentença de que poeta bom é poeta morto. Agora você escreve: “poeta bom é poeta vivo”. O que significa para um poeta brasileiro da sua geração chegar aos 60 anos? Que renúncias e conquistas compõem essa trajetória?

Bem, os cabelos embranqueceram, mas, felizmente, percebo que continuo com a mesma curiosidade que tinha quando era mais jovem — agora, com mais experiência. Mas cada poema é uma aventura nova, como se fosse o primeiro. Talvez esta seja uma grande conquista. Há um livro do mestre Shunryu Suzuki cujo título é *Mente Zen, Mente de Principiante*. Gosto dessa ideia de frescor, de manter a mente em movimento, sempre aberta para receber novas experiências. Há uma diferença entre o novo e o novidadeiro. O novidadeiro não me interessa. Estou interessado em ampliar cada vez mais minhas percepções, elevar meu pensamento cada vez mais alto, perto da faísca do sol, como no poema de Yukio Mishima, traduzido por Leminski: “Nada nesta vida vai me ver satisfeito; / Novidades do mundo, logo monótonas; / Algo me chama lá em cima, para cima, / Cada vez mais perto da faísca do sol.”

Você vem há bastante tempo trabalhando com poesia falada e cantada. E lançou dois discos, *Rebelião da Zona Fantasma* e *Viralatas de Córdoba*. Também tem uma obra como letrista, com parcerias com Itamar Assumpção, Edvaldo Santana, Zeca Baleiro, Titane, Patrícia Amaral e Madan, entre outros. Como funciona o seu trabalho nessa intersecção entre poesia e música?

Uma das propriedades da linguagem poética que presto bastante atenção é a melopeia, o ritmo dos versos, a musicalidade das palavras. Gosto, por exemplo, de ouvir nigerianos conversando na praça da República, em São Paulo.

Não entendo nada do significado do que eles dizem, mas fico encantado com a cadência das palavras que eles pronunciam. Falam uma linguagem extremamente percussiva, parece que estão tocando tambores. Por essa atenção à melopeia, meus poemas acabam sendo muito musicais e alguns compositores o transformam em canções. Porém, a vida toda busquei uma maneira de entoar, eu mesmo, meus próprios poemas — algo que funcionasse com a estrutura de uma banda e que resultasse em shows e gravações. Esse trabalho de décadas resultou nos dois CDs, *Rebelião na Zona Fantasma* e *Viralatas de Córdoba*. Nunca quis ler meus poemas, linearmente, no palco, com uma banda fazendo fundo musical. Sempre quis algo mais orgânico, com os versos colocados dentro de compassos e estruturas musicais, mas permanecendo no território da fala, da fala ritmada. Nunca pretendi ser cantor.

Como letrista, você coloca as letras nas melodias dos parceiros ou são eles que musicam seus poemas?

Nunca coloquei letra em uma melodia. Já aconteceu, com Edvaldo Santana, de fazermos algo juntos, a partir de uma melodia que ele havia criado. Ele ia tocando e eu ia encaixando os versos na melodia, criados ali na hora. Mas é raro. A maioria das parcerias é de poemas prontos que foram musicados, sem nenhuma alteração. Tive a felicidade de encontrar ao longo da vida parceiros como o Madan, que tinha uma impressionante habilidade de musicar poemas, o Itamar, o Edvaldo, o Zeca. São compositores com extremo faro para a poesia. Tanto que escrevem seus próprios poemas musicais e se dedicam a musicar poemas de outros poetas. Somos seres rítmicos, basta estarmos atentos aos batimentos cardíacos ou à respiração para ouvirmos o ritmo das palavras que saem das nossas gargantas. Quando se presta atenção a isso, a poesia se torna muito próxima da música e até da dança, como nos primórdios.

Há um equilíbrio bastante sofisticado nos poemas tanto de *Risca Faca* quanto de *Um Nome Escrito no Vento*. Como você consegue equilibrar os dois extremos que aparecem constantemente em sua poesia, a veia punk e o zen? Como se dá essa liga?

Ao longo do tempo foi se formando um lema em mim: da rebeldia à sabedoria. A rebeldia contra tudo aquilo que nos quer estanques, congelados, paralisados, é essencial para se viver uma vida plena. É um tipo de energia que, no meu caso, me mantém atento e ativo. Mas a rebeldia pode se tornar uma caricatura, uma mazela de menino mimado. Não é isso que me interessa. O que me interessa é o verdadeiro conhecimento. Não quero que me escondam o que é essencial. Por isso a rebeldia: para se chegar à sabedoria, ou algo próximo disso. Então, as audições de rock'n'roll, de punk rock, a leitura dos poetas rebeldes e a prática do zen penetraram na minha vida. Muitos apontam na minha linguagem esses dois lados: a veia punk e o zen. Então, parece que estão lá, mesmo. Mas são dois aspectos da mesma personalidade. Não são dois lados, talvez sejam uma unidade.

Você ainda mantém uma prática zen-budista? Você medita?

No zen, o que chamamos de meditação é chamado de zazen: sentar-se diante de uma parede branca, com a postura correta, a respiração correta e a mente correta. Não é algo que você pratica uma vez por dia, durante quarenta minutos. É uma postura que você procura manter ao longo do dia todo. Algo nada fácil, mas que mantém a sua atenção extremamente concentrada. Sou um pouco preguiçoso. Não pratico o zazen com a frequência que deveria. Mas não me atazano por isso. Tenho uma outra prática: a poesia. Ela é meu *dô*, meu caminho, meu zazen diário, meu contato com os grandes mistérios da existência. Há muito tempo estou convencido de que aquilo que nos vendem como "realidade" é *maya*, como dizem os hindus, pura ilusão. Para citar a

famosa frase de Shakespeare, em *Hamlet*, “há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia”. Quer algo mais miserável do que dedicar a vida inteira unicamente a ganhar tubos de dinheiro, acumular bens materiais e falar palavras vazias? <



Pressão do poema

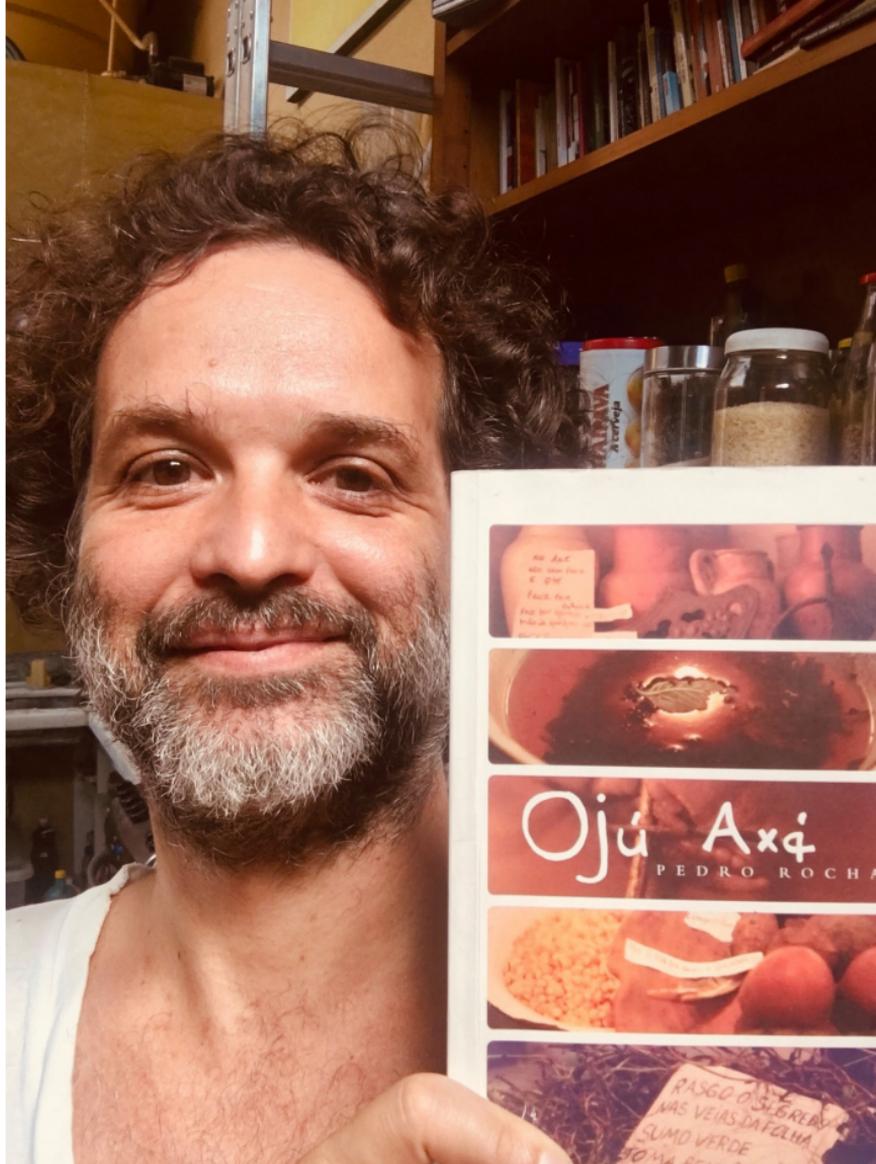
Pedro Rocha

O fio que escorre na fachada
 da casa defronte à vista
 deita sua sombra
 ao sol único
 que imputa
 vida a
 tudo

Ele parece reto
 em seu corpo de
 queda
 olhado de
 frente
 poeta de pé
 na sacada
 de pedra
 areia e
 óleo de baleia
 sobrado de
 santa teresa

Mas a grande jogada
 é a sacada de que
 sua expressão
 grita aflita
 no plano
 ereto

Desenvolve nesse vislumbre
 alguma emulação
 emoção
 emulsão
 erosão
 percepção
 do escondido
 explicação de um começo
 expressionismo alemão
 nessa metrópolis de nosferato
 caverna de platão



Pedro Rocha é poeta, editor e professor. Publicou, entre outros livros, *Ojú Axé* (2019), *Ogivas Urgência* (2015), *Experiência do Calor* (2014), *Chão Inquieto* (2010), *Onze* (2002) e *Escrita de Galo* (2002). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Fliperama

Rafaela Tavares Kawasaki

As batidas emborrachadas repercutem em crescendo, separam-se aos poucos dos sons ao redor. Antes de se virar, Duda reconhece o *allegro ma non troppo* das sandálias infantis. Quase aspira o aroma *tutti frutti* que há três dias se misturaram à intimidade de cheiros do seu apartamento. São os anúncios de Isa desde que a sobrinha se hospedou na quitinete junto da mãe. Os passos refletidos contra o piso espelhado de tão limpo se adensam na corrida. Isa carrega um sorriso de reticências ao se distanciar do quadrupede motorizado de pelúcia — o unicórnio, deformado para se tornar uma montaria afogada, se conforma imóvel com o abandono. A vacância exposta da gengiva rosada entre dois dentes de leite é gelatinosa como uma expectativa. *E agora, o que mais?*

Isa desenhou ziguezagues com as rodas do unicórnio pelos pisos marginais à praça de alimentação. Antes de agarrar o pescoço encurtado da monstruosidade robótica e suplicar por um passeio, ela investigou estantes com brinquedos enjaulados em plástico e papelão. De mãos obedientemente dadas à tia, apesar do calor, percorreu corredores encerados com olhos nas vitrines — roupas de toda sorte, pôsteres com celebridades maquiadas, simulacros de cômodos de casas sofisticadas, sapatos promíscuos, aparelhos de ginásticas, bugigangas para celulares, charutos, utensílios coloridos demais para terem sido fabricados para adultos, artigos caros de papelaria, roupas de toda sorte, pôsteres com celebridades maquiadas. Elas orbitaram o contorno dos dois andares e só cinquenta minutos se passaram. Eram quatro horas ainda. Os arredores se diluem quando Duda percebe.

Não quero ver nem a sombra de vocês duas até as seis, viu? Nem posso! Você entendeu? Malu era imperativa mesmo ao pedir. A irmã mais velha contraiu o rosto em um sorriso quase sedutor, restos úmidos da língua revelados pelos espaços entre os dentes pequenos. Duda quis gritar ao ser expulsa da própria casa, porém o silêncio morno alagou sua laringe.

— A tia está bem? Está? Está bem mesmo?

Só ao ser repetida a pergunta a atingiu. As palavras deslizaram pela concha sobre o lóbulo e se deslocaram pela corrente de células nervosas até formar o significado. Duda se sentiu invocada. Talvez tenha sido a ênfase que estalou como um tapa — a palavra “mesmo” produzia eco. Ou era o fato de ela plantar preocupação em uma cabeça pequena demais para desassossego que a raspou por dentro.

— Olha só, tia, uma sereia!

Duda estava pálida, ou ao menos o resfriamento das bochechas insinuava uma fuga de sangue. No entanto, Isa já estava alheia a qualquer interrogação sobre o bem-estar da tia. Gastava um fôlego oscilante em direção à máquina de garra, um mostruário neon abarrotado de criaturas felpudas. Tinham a maciez do mundo de Isa, ainda acolchoado e amortecido. As músicas sintetizadas de 8 bits transportaram Duda para uma forma de vida quando máquinas como aquela eram altas e fliperamas eram refúgios. Ela própria era um espécime do tamanho de Isa. Tudo era espanto quando Duda e Malu se cercavam por vozes eletrônicas em bravatas, apitos, tilintar de moedas e fichas eletrônicas em queda. Havia um encantamento ali, apesar de todo final de semana elas visitarem o *game center* com os pais. No glossário doméstico, o *game center* só era chamado de fliperama em vozes saudosas pelos dois adultos. Tingido por um bombardeio de luzes, o pai era alvo da torcida familiar enquanto pescava bichinhos de pelúcia. Ainda não havia estranheza em observá-lo em um mundo infantil, ainda ele e a mãe não tinham uma auréola de ofensas berradas.

— Queria tanto a sereiazinha, tia. Ela tem cabelinho azul, você viu?

Duda ruma a certeza de que desperdiçou cinco reais ao ver o gancho se movimentar amolecido. *Está viciada essa máquina*, o pai diria no tempo em que sua palavra ainda era sentença. A sereia costurada em um tecido cintilada é apenas acariciada.

— Não tem importância, Isa, nem era tão bonita assim.

— Ela é linda, tia, e eu quero.

Engole esse choro ou te deixo para trás! A mãe se esvaziava de tolerância para birras. Quando Duda chorava em ambientes públicos, sofria um breve abandono e rastejava humilhada atrás das pernas sempre cobertas por meia calça marrom. Duda sente que quem dá passos é a mãe, não os próprios ossos e músculos. Há uma vertigem em ser seguida por uma criança ofegante demais para resmungar.

— Por que a gente não começa outra brincadeira mais legal, hein?

Quando os pais se isolavam em casa para brigar, Malu escapava pela porta lateral entrelaçada aos braços de Duda. Iam até butikues e recolhiam todas as peças de roupa que conseguiam carregar até os provadores. A irmã propunha que fizessem combinações extravagantes para que por alguns minutos fossem não mais Duda e Malu, e sim outras meninas. Uma vez, a irmã mais velha quis arriscar e escondeu biquínis debaixo das roupas das duas. O rosto da mãe tremeu quando ela descobriu e obrigou as duas a devolverem.

— Se ficarmos bem bonitas, mas bonitas mesmo, compro pra nós duas — a promessa da irmã retorna em um eco.

— Eba! — Isa responde sussurrado.

As mãos da sobrinha abocanham um macacão vermelho, uma saia de tule, blusas estampadas com personagens de desenhos e um vestido azul de princesa da Disney. As capturas de Duda são mais aleatórias, ela quase não distingue cores e tecidos quando descobre que apenas unidades de minutos se passaram desde a última vez que espiou a tela do celular. Isa se encanta com a fantasia de bela adormecida. Quando é a vez de Duda entrar no provador, ela se vê com uma camisa colorida idêntica a um exemplar de 1992 que a mãe veste em uma fotografia do álbum de família. A moda é cíclica, a própria vida é circular. Há um atordoamento na luz fraca do provador. *Prefiro morrer a ficar que nem ela. Eu também.* A mãe fez questão em bater na porta para avisar que ouviu a confissão. Então, se virou com passos pesados e deixou um rastro de nicotina.

Duda experimenta um vestido preto, justo e curto. No espelho, os seios parecem mais afastados. As pernas

comprimidas ganharam ondulações. A irmã combinaria com vestido, não Duda. Usaria para se encontrar com homens que não fossem o marido, Duda mastiga a certeza. Então tem um sobressalto ao ouvir as cortinas serem escancaradas.

— A tia não saía nunca, fiquei com medo.

— Que ideia pavorosa essa de expor as pessoas desse jeito! E se eu estivesse sem roupa?

— Mas você não tá! Você tá linda! Parece a mamãe!

— É bem a cara dela se vestir assim vulgarzinha, não é?

Faz um favor e espera lá fora.

— A gente vai para casa depois?

— Ainda não dá!

São quatro e meia quando elas saíam da loja. Isa desiste de reclamar do cansaço para segurar a sacola com seu vestido de princesa com movimentos de posse. Duda reconhece as sequências de lojas como se fossem imóveis da rua em que transitou todos os dias na infância. Lá está novamente a loja dos sofás. Duda compraria o bege espaçoso se tivesse dinheiro. Trocaria todos os móveis da casa. As ancas da irmã e de um desconhecido foram impressas contra suas madeiras, ferros e estofados. Seus fluídos foram esparramados em cada superfície. Duda já detesta os móveis, como odiava a mobília da casa de família depois de o pai abrir um buraco em uma estante com um soco, rombo disfarçado por um calendário de parede, e a mãe rasgar uma poltrona com uma faca de cozinha. *Você não vai trazer ninguém pra minha casa, coisa nenhuma. Não tenho como voltar atrás, ele está a caminho. Ah, Dudinha, se você soubesse como é importante para mim. Como esperei por isso! Quer que a Isa esteja aqui quando ele chegar?*

— Você já jogou boliche, Isa?

Na época do divórcio dos pais, Malu e Duda se tornaram especialistas em boliche. Passavam as tardes no fliperama distanciadadas o suficiente da casa para esquecer seus barulhos e salas mal iluminadas. Conheciam os pesos de cada bola e os melhores encaixes para as próprias falanges. Já Isa engancha os orifícios desajeitada e deixa a bola deslizar até a canaleta. Duda derruba todos os pinos numa jogada. Sua gargalhada faz Isa chorar.

— Sabia que meu pai sempre me deixa ganhar tudo?
Por que você não é boazinha, tia?

— Porque seu pai é um desenganado, não enxerga um palmo o que acontece na casa dele. Chega a dar raiva — Duda visualiza o sorriso condescendente do cunhado, ouve sua voz se gabar de acordar às cinco da manhã, a falar de produtividade, do próprio humor politicamente incorreto, da eterna viagem para Machu Pichu e suas revelações combinada com o desprezo aos peruanos, dos acertos em investimento em ações *que-você-devia-começar-a-fazer-porque-depender-da-previdência-social-é-burrice*, do seu carro com motor híbrido, de como o chefe o elogiou, de como a esposa bonita é tão sua.

— Mas tia!

— Eu não sou trouxa, me recuso a ser. E você precisa aprender a encarar a realidade. A gente perde muita coisa na vida, sabia?

— Você é ruim e eu nunca mais quero brincar com você! Duda desvia o rosto da pele umedecida de Isa. Sua audição se prende ao som liso, giratório e persistente da bola. A pista reflete os passeios pelo fliperama. Os pinos caem. O pai atira um prato contra o chão enquanto a mãe grita a certeza de que ele a está traindo com uma colega de trabalho. Malu promete que nunca terá um casamento assim. Duda a imita e se abriga em seu colo. A bola rola. A mãe jura que vai embora com as meninas. O pai a chama de louca. A mãe proíbe as filhas de ficarem sozinha com o pai. Diz que o viu acariciando o lado interior pernas de uma amiga de Malu. Os dedos do pai são ossudos e têm pelos escuros. *Ela tem doze anos, você é uma mulher doente! Você é que é um homem doente!* A bola derruba os pinos. Isa ainda chora, mas sua voz se distancia. A amiga de Malu nega. O irmão daquela garota dá um soco nas costas de Duda no pátio da escola, sem motivo. A mãe jura que levará a história para o juiz. Recusa guarda compartilhada. Duda recua do abraço do pai, tem medo de suas mãos peludas. O rosto dele se deforma em uma escultura tristonha. *Ela é louca, meninas, eu jamais machucaria uma criança, sua mãe é louca, nunca viram como ela distorce a realidade?* A pista reflete o caminho da bola. *Seu pai é um sujo, já viram como ele*

olha as mulheres na rua? Na minha frente, na frente de vocês. Já viram os arquivos nojentos do computador dele? Os pinos caem em um golpe só. A mãe dopada, seus olhos dopados, seu corpo dopado demais para jantar, sua voz disforme de tão dopada, seu cheiro dopado sem banho, sua carne dopada não reage ao carinho de Duda. Vozes de familiares, amigos e conhecidos em unísono descrevem a mãe como uma maluca. Os soluços da mãe atrás da parede. O pai chorando no caixa da loja vazia. Ela acabou com minha vida, sua mãe! Conseguiu o que tanto queria. Tem algo que você queria me dizer, Duda? Os pés do pai flutuantes, o pêndulo de mocassins a meia-luz. Não se enganem, gente culpada é que faz isso. A dúvida calcificada na nuca de Duda, a dúvida âmbar, a dúvida pedra lascada que espeta. O som de desmoronamento do strike.

Duda se distancia da pista vazia, retorna à mixórdia de sons elétricos e os flashes de pisca-pisca do fliperama. Isa, aninhada na máquina de garra, agoura com olhos espremidos de choro, cansaço e inveja os outros jogadores. Duda entrega a sacola com a roupa de princesa à suas mãozinhas. Ainda são cinco horas. Duda sente o impulso de correr até o estacionamento, carregar Isa. *Vamos brincar de fazer uma surpresa para a sua mãe? A tia entrega a chave pra você ir bem devagarinho, sem fazer barulho e abrir. Mamãe vai levar um susto, né? Ah, se vai!* A dúvida é pesada e a ossatura de Isa arquearia, não tem volume para sustentar, seu mundo é algodoado.

Duda se posiciona em frente ao mostruário da população de pelúcia. A sereia de pano acetinado continua lá com seus cabelos de fios sintéticos azuis, olhos bordados e cauda entortada. Dessa vez o gancho se desloca firme. A vibração da sorte arrepia os poros de Duda. Seu céu da boca sequestra a respiração e Isa a imita. Os pulmões das duas são dois pares paralisados. A garra dá o bote na sereia. O corpo de Isa é elétrico, Duda sente o choque de sua mão contra a própria perna, porém não larga a orbe do joystick. A sereia levita pendurada pelo metal como um tubarão fígado e erguido sobre um barco pesqueiro. Isa solta um sussurro vocálico quando a boneca cai no vácuo e reaparece do lado de fora da máquina. A pele da criança é mais tenra do que a carcaça

preenchida com fibra siliconada que ela agarra. É cinco horas e dez minutos. O solado de borracha vermelha ganha peso com a alegria. A felicidade embutida nos ossos dá aos dois pés os sons de uma debandada de filhotinhos contra o piso frio. Duda calcula que chegaria em casa antes das cinco e meia, se tiver pressa.

— A sereia agora precisa ir pra casa, tia!

Duda sente as clavículas daquele corpo pequeno, esfrega os desnivelamentos da camurça rosa, dilatária aquele abraço por cinquenta minutos para que pudessem voltar em paz, mas sente tremulações pelos braços. O corpo de Isa continua eletrificado, as vitrines das lojas formam um *loop* infinito. Sob o brilho ora rosa, ora azul do fliperama, os dentes da criança, expostos em uma expressão alegre, chegam a Duda como uma mordida. As serrinhas de cor leitosa da sobrinha rasgam a nuca como uma dúvida antiga. Duda ergue o tronco e se aparta das reticências e expectativas do sorriso pequeno. Lê palavras na gengiva rosa. E agora, o que mais? <



Divulgação | João Roberto de Freitas Junior

Rafaela Tavares Kawasaki é escritora e jornalista. Natural de Araçatuba, no noroeste paulista, vive atualmente em Curitiba (PR). Publicou o livro de contos *Enterrando Gatos* (Patuá, 2019) e o romance recém-lançado *Peixes de Aquário* (Urutau, 2021).

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

João Evaristo Debiasi

Superintendente-Geral da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editor

Omar Godoy

Redatores

Hiago Rizzi

Luiz Felipe Cunha

Estagiária

Isabella Serena

Design Gráfico

Rita Solieri Brandt

Colaboradores desta edição

Denny Chang

Luiza Mussnich

Murilo Basso

Pedro Rocha

Rafaela Tavares Kawasaki

Ilustração de capa

Camila Barbieri



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



cultura
paraná



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO
SOCIAL E DA CULTURA